

THE *ROMEIROS* OF SÃO MIGUEL 500 YEARS SINCE THE EARTHQUAKE IN VILA FRANCA DO CAMPO

On 22 October 1522, Vila Franca do Campo suffered one of the worst days in its, at the time, short existence.

Two more or less concurrent events had occurred in the mid-1470s: the sale of the captaincy of São Miguel to Rui Gonçalves da Câmara, the second son of the captain of the *donatário*, or lord proprietor, of Madeira; and the settlement's elevation to the status of vila, or town, the only one on the island of São Miguel at the time.

The hard work and courage of Rui Gonçalves da Câmara had made Vila Franca the seat of power for the entire island. The high yields and fertility of the land made the inhabitants, in the words of Gaspar Frutuoso in *Saudades da Terra*, "people who were dissolute with the great abundance and plenty to be found at the time on this island".

Friar Afonso de Toldo, a Dominican related to the Alva family and brother of the archbishop of the same diocese, predicted a great punishment, but his preaching fell on deaf ears. And on the eve of the disaster, the same book quotes the locals as uttering phrases such as: "we will dine well and die full [...] let us eat our capons today for we shall die tomorrow".

And so, the fateful day arrived. Frutuoso's rather wordy account tells of two almost simultaneous moments: "one huge and shocking tremor of the earth, which lasted as long as a credo" and then a second tremor, followed by the fall of "a large amount of the base of a mountain, from the foothills above [the town]; and mud and earth, with some large boulders from the northern side, flowing down and covering it, completely overwhelming it".

There were many deaths. At the time, in 1522, the fifth captain of the *donatário*, grandson and namesake of the third, held the seat of power. On the eve of 22 October, he had left for Cabouco where he owned productive land. He was accompanied by his wife and youngest son. His other children were counted among the dead. When he heard the news, he hurriedly returned. Despite the uncertainties, he took up the reins and, helped by those who had survived, they tore up the earth, saved those still alive and buried the dead. To distract the survivors, he organised a jousting tournament.

But the religious approach soon dominated. The Dominican friar, who had arrived from Toledo and predicted the tragedy, took the opportunity to encourage religious devotion. He obtained a commitment that every Wednesday there would be a procession to the hastily-erected chapel of Senhora do Rosário, which would become the church for the friars' monastery, replacing the one destroyed in the landslide.

The devotions intensified and so began the "Lenten pilgrimages of São Miguel", a tradition that continues day. Once self-organised, today they obey rules and a hierarchy. Groups of men (women now undertake similar activities) travel the whole island, on foot, singing a mournful *Avé Maria*, praying in all the chapels of Our Lady, affectionately known as "casinhas" or little houses (nowadays, it is mainly the parochial churches that are visited).

As insignias, the *Romeiros*, or pilgrims, of São Miguel wear a shawl (symbol of the "true" shroud of Christ), carrying a food bag for sustenance (the Cross of Christ), a staff (the reed sceptre) to aid walking, with rosaries in their hands, which they recite over the nearly forty kilometres on each of seven days, and a headscarf (the crown of thorns) – symbols linked to the martyrdom of Christ.

This stamp issue, which depicts this religious tradition, highlights the hermitage of Nossa Senhora da Paz, in Vila Franca do Campo, one of the *Romeiros*' pilgrimage sites. It also includes the rose window of the former main church, found some time later when the new church was built.

José Teixeira Dias
Historian

Note: the quotations from Gaspar Frutuoso can be found in chapters LXIX and LXX of the Fourth Book of *As Saudades da Terra*.

Dados Técnicos / Technical Data

Emissão / issue – 2022 / 07 / 08

Selos / stamps
€0,57 - 75 000
€0,95 - 75 000
€1,05 - 75 000

Bloco / souvenir sheet
Com 1 selo / with 1 stamp
€3,00 - 20 000

Design
Folk Design

Créditos / credits
Selos / stamps

C0,57
Bordão e terço dos romeiros de São Miguel;
foto/photo: Alexandre Amaral.

C0,95
Romeiros de Vila Franca do Campo sobem a colina
até à Capela de Nossa Senhora da Paz, Vila Franca do Campo;
foto/photo: Alexandre Amaral.

C1,05
Chegada à Ermida de Nossa Senhora do Monte Santo,
Vila de Água de Pau, 17 de março de 2007;
foto/photo: Leonardo Braga Pinheiro.

Bloco / souvenir sheet
Ermida de Nossa Senhora da Paz e imagem
de Nossa Senhora da Paz, Vila Franca do Campo.
Fotos/photos: Alexandre Amaral.

Capa da pagela / brochure cover
Ermida de Nossa Senhora da Paz, Vila Franca do Campo.
Foto/photo: Alexandre Amaral.

Sobrescritos de 1.º dia / FDC
«Chart of the Island of St. Michael» (pormenor/detail),
W. Harding Read, John Stephenson, ed. William Heather,
Londres, 1808. Coleção/collection: Biblioteca Nacional Digital.

Tradução / translation
Kennis Translations

Agradecimentos / acknowledgements
Loja CTT de Vila Franca do Campo
Movimento dos Romeiros de Vila Franca do Campo
Romaria de Vila Franca do Campo

Papel / paper
FSC 110g/m²

Formato / size
Selos / stamps: 40 x 30,6 mm
Bloco / souvenir sheet: 125 x 95 mm

Picotagem / perforation
12 1/4 x 12 e Cruz de Cristo / and Cross of Christ

Impressão / printing – offset

Impressor / printer – INCM

Folhas / sheets – Com 50 ex. / with 50 copies

Sobrescritos de 1.º dia / FDC
C6 – €0,56
C5 – €0,75

Bilhetes-postais / postcards
3 x €0,45

Pagela / brochure
€0,85

Obliterações do 1.º dia First-day Cancellations

Loja CTT Restauradores
Praça dos Restauradores, n.º 58
1250-998 LISBOA

Loja CTT Palácio dos Correios
Praça da Trindade, n.º 32
4000-999 PORTO

Loja CTT Zarco
Av. Zarco
9000-069 FUNCHAL

Loja CTT Antero de Quental
Rua Agostinho Pacheco, n.º 16
9500-998 PONTA DELGADA

Loja CTT Vila Franca do Campo
Rua Visconde da Palmeira, n.º 46
9680-999 VILA FRANCA DO CAMPO

Encomendas a / Orders to
FILATELIA
Rua João Saraiva, n.º 9
1700-248 LISBOA

Colecionadores / collectors
filatelia@ctt.pt
www.ctt.pt
www.facebook.com/Filateliactt

O produto final pode apresentar pequenas diferenças.
Slight differences may occur in the final product.

Design: Atelier Colmeia Design
Impressão / printing: Grafisol, Lda.



Romeiros de São Miguel
500 ANOS DO TERRAMOTO
VILA FRANCA DO CAMPO



Romeiros de São Miguel 500 ANOS DO TERRAMOTO VILA FRANCA DO CAMPO



Vila Franca do Campo viveu a 22 de outubro de 1522 um dos piores dias de sua, então, ainda curta vida. Dois factos, mais ou menos concomitantes, tinham ocorrido nos meados da década de 1470: a venda da capitania de São Miguel a Rui Gonçalves da Câmara, filho segundo do capitão do donatário da Madeira; e a elevação a vila, única, na ilha de São Miguel.

Os trabalhos e audácia de Rui Gonçalves da Câmara tinham feito de Vila Franca, sede do poder de toda a ilha. Os altos rendimentos e a fertilidade das terras tornaram os habitantes, nas palavras de Gaspar Frutuoso em *Saudades da Terra*, «gente dissoluta com a grande abundância e fartura que então havia nesta ilha».

As pregações de Frei Afonso de Toledo, dominicano aparentado com os Alva e irmão do arcebispo da mesma diocese, prognosticando grande castigo, caíam em saco roto. E na véspera do evento, da boca dos vilafranquenses, no mesmo livro, saíam frases como: «ceemos bem e morreremos fartos [...] comamos hoje nossos capões pois havemos de morrer amanhã».

E assim chega o dia fatal. O relato de Frutuoso, um tanto prolixo, narra-nos dois momentos quase simultâneos: «um grandíssimo e espantoso tremor de terra, que durou por espaço de um credo» e após um segundo abalo, segue-se a queda de «grande quantidade de falda de um monte, do pé da serra que está sobre ela; e alagando-a e cobrindo-a de terra, lodo e alguns grandes penedos, da banda do Norte, totalmente a subverteram».

Muitos são os mortos. O quinto capitão do donatário, neto homónimo do terceiro, presidia em 1522 à ainda sede do poder. Nas vésperas do 22 de outubro havia-se ele ausentado para o Cabouco onde possuía pingues terras. Acompanharam-no a mulher e o filho mais novo. Os outros filhos contar-se-ão entre os mortos. Conhecida a notícia, regressa apressado. Perante dúvidas, toma as rédeas e, ajudado pelos que tinham sobrevivido, revolvem a terra, salvam os vivos, enterram os mortos. Para distrair os sobreviventes, organiza um torneio de canas.

Mas o cariz religioso sobrepõe-se. O frade dominicano, que havia arribado de Toledo e prognosticado o evento, aproveita a ocasião para incentivar a religiosidade. Consegue o compromisso de que em todas as quartas-feiras se realize uma procissão à capela da Senhora do Rosário, edificada em pouco tempo, e que será a igreja do convento dos frades que assim substitui o arrasado no dilúvio.

As devoções intensificam-se e surgem as «romarias quaresmais micaelenses», tradição que se mantém até aos nossos dias. Outrora auto-organizadas, hoje, com hierarquia e regulamentos. Grupos de homens (as mulheres, agora, empreendem ações semelhantes) percorrem toda a ilha, a pé, cantando uma Ave Maria dolente, rezando em todas as capelas de Nossa Senhora, ternamente apelidadas de «casinhas» (agora são predominantemente visitadas as igrejas paroquiais).

Como insígnias, os chamados Romeiros de São Miguel trazem o xaile (símbolo do manto «real» de Cristo), a cevadeira onde transportam o alimento (a Cruz de Cristo), o bordão (o cetro-cana) que ajuda na caminhada, na mão o terço, que vão desfiando ao longo dos cerca de quarenta quilómetros de cada um dos sete dias, e um lenço (a coroa de espinhos) – símbolos ligados ao martírio de Cristo.

Nesta emissão de selos, representativa desta tradição religiosa, destaca-se a ermida de Nossa Senhora da Paz, em Vila Franca do Campo, um dos locais de peregrinação dos Romeiros. Figura ainda a rosácea da antiga igreja matriz, encontrada, tempos depois, de edificada a nova.



José Teixeira Dias
Historiador